

NÃO À REFORMA ESTATUTÁRIA DO BANESPREV

Unidade e resistência dos trabalhadores ativos e aposentados são fundamentais contra os retrocessos que o Santander quer impor. Vem Pra Luta!

Uma assembleia histórica. No dia 28 de janeiro, mais de 1.600 banespianos, representando cerca de 7 mil pessoas, estiveram no E.C. Banespa, em São Paulo, para dar um recado ao Santander: não à reforma estatutária do Banesprev nos moldes apresentados pela patrocinadora.

O “não” ecoou pelo Salão Social do Clube e deixou claro que a luta em defesa do Banesprev vai continuar. A negativa à proposta de reforma estatutária foi massiva. Foram registrados apenas dois votos a favor – o do presidente do Banesprev, Jarbas de Biagi, e o do diretor de Seguridade, Flavio Bettio, ambos indicados pela patrocinadora, contra 6.512 votos dos banespianos.

O Santander quer impor uma lista de retrocessos que podem prejudicar os participantes, com a perda de vários direitos. A situação é tão grave que caso as mudanças sejam referendadas pela Superintendência Nacional de Previdência Complementar (Previc), o plano pode até ser extinguido, sem a deliberação em assembleia, mas não vamos deixar acabarem com o nosso fundo de pensão.

VAGA DIRETOR REPRESENTANTE DOS EMPREGADOS É FUNDAMENTAL

Após fiscalização realizada no Banesprev em 2014, a Previc sugeriu a procedência de uma alteração estatutária pontual visando diminuir a interferência do

banco na gestão do fundo, o que foi feito em 2015. Na ocasião, as associações de representação dos participantes solicitaram, por meio de abaixo-assinado, que a Assembleia de Participantes aprovasse o preenchimento da sétima vaga no Conselho Deliberativo em eleição direta.

A vaga pertence ao Diretor Representante dos Empregados (Direp) e, portanto, pertence aos participantes e foi extinta unilateralmente pelo Santander após a privatização do Banespa.

“A vaga é de importância vital para o equilíbrio saudável das forças do colegiado. Em caso de sua eventual inexistência, o quórum de 2/3 para reformas de Estatuto e regulamentos seria integralmente detido pela patrocinadora, dando total autonomia para o banco fazer as alterações que bem entender no Banesprev”, alerta Rita Berlofa, diretora do Sindicato dos Bancários de São Paulo e funcionária do Santander.

Apesar da vitória esmagadora da proposta das associações por plebiscito e assembleia, o Santander não acatou o resultado e retornou a discussão ao Conselho Deliberativo onde a deliberação foi ignorada e autarquia aprovou a reforma estatutária nos moldes que o Santander desejava. E, pior, determinou uma nova reforma na qual “confunde” a vaga da Direp como interferência do banco na gestão, quando na realidade a mesma tem exatamente o poder de evitar eventuais conflitos de interesses.



SANTANDER QUER ACABAR COM A DEMOCRACIA NO BANESPREV

Outra mudança drástica e antidemocrática que o Santander quer impor é a retirada dos poderes da Assembleia de Participantes do Banesprev. Mas os participantes já deixaram claro que não abriram mão de nenhum direito de representação na governança do fundo de pensão.

“Qualquer supressão de atribuições da Assembleia de Participantes, aliada à extinção da sétima vaga no Conselho Deliberativo, poderá ter um efeito devastador no fundo, permitindo

alterações drásticas nos regulamentos e inclusive levar à sua dissolução. E isso não vamos deixar que aconteça”, explica Mario Raia, secretário de Relações Internacionais da Contraf-CUT e representante da Confederação na Comissão de Organização dos Empregados (COE) do Santander.

Com a união de diversas entidades, os trabalhadores conseguiram evitar a aprovação das maldades do Santander até agora, mas a mobilização de cada participante é essencial. Diga Não à Reforma Estatutária do Banesprev.

SANTANDERPREVI

Vale lembrar que este modelo de administração pleiteada pelo Santander com exclusão dos eleitos na gestão do fundo já causou grande prejuízo aos participantes do Santanderprevi, entidade oriunda do Banco Real, com perda de benefícios para os aposentados devido a investimentos errados, inclusive com dirigentes multados pela Previ. Também houve a diminuição considerável no percentual das contribuições para formação de reservas para os ativos.

SANTANDER CORTA QUASE 3 MIL EMPREGOS NO PAÍS QUE DÁ MAIS LUCRO PARA O GRUPO ESPANHOL

O Brasil é o país onde o Santander registra maior lucro, mas o banco retribui os funcionários com cortes de postos de trabalho. Bancários exigem o fim das demissões e mais empregos.

Em 2016, o banco lucrou R\$ 7,3 bilhões, com crescimento de 10,8% em relação a 2015. O resultado coloca as operações brasileiras na liderança global do grupo espanhol, com 21% de participação no lucro mundial do banco.

Apesar disso, o banco encerrou o ano de 2016 com 47.254 empregados, uma redução de 2.770 postos de trabalho em relação a 2015. Foram fechadas 8 agências nesse período, enquanto o número de clientes cresceu em 1,9 milhão.

“O resultado desta equação, com aumento de clientes e redução de funcionários, é mais sobrecarga e adoecimento do bancário. Enquanto a Assembleia Geral Ordinária autorizou em 2016 uma renda mensal média de R\$ 600 mil para a diretoria, o que não é ilegal, mas imoral, o Santander, sob a presidência de Sérgio Rial,

impõe aos funcionários aumento no plano de saúde, demite bancários próximos da estabilidade pré-aposentadoria e trabalhadores que foram vítimas de assalto no banco. É um absurdo”, critica Rita Berlofa, diretora do Sindicato dos Bancários de São Paulo e funcionária do Santander.

A redução de funcionários se torna ainda mais injustificável se analisada a receita com tarifas, que alcançou R\$ 13,7 bi em 2016. O valor cobre em 155,8% a despesa com pessoal. “É inadmissível que o bancário brasileiro seja tratado com total desrespeito pelo banco. O Santander promove demissões injustificadas. Exigimos os mesmos direitos dos bancários da matriz e o fim desta postura colonialista, afinal, já provamos que o bancário brasileiro é um profissional altamente qualificado e comprometido. Não justificando, portanto, tratamento desigual”, ressalta Mario Raia, secretário de Relações Internacionais da Contraf-CUT e representante da Confederação na Comissão de Organização dos Empregados (COE) do Santander.



SANTANDER TROCA PLANO DE SAÚDE SEM CONSULTAR FUNCIONÁRIO

Nada de informação prévia aos sindicatos, nem consulta aos trabalhadores. Foi assim, de forma unilateral e arbitrária, que o Santander resolveu trocar o plano de saúde de boa parte dos funcionários.

Quem tinha o Bradesco Saúde teve que migrar para o Sulamérica e a coparticipação dos funcionários subiu de 20% para 25%, injustificavelmente. Os bancários com planos de assistência médica Unimed também viram o percentual de coparticipação ser alterado de 20% para 25% e, a partir

da 6ª consulta em um período de 12 meses, para 30%.

“Nós já solicitamos que o banco explique a razão das mudanças e dos aumentos de valores para os funcionários. O bancário é obrigado a mudar de plano, sem nem saber se vai ser melhor ou pior ou se poderá dar continuidade a um tratamento que tinha iniciado, por exemplo. O Santander deve explicações. Não aceitamos mais prejuízos para os trabalhadores”, critica Ramilton Marcolino, diretor do Sindicato dos Bancários de São Paulo.

SANTANDER, BANCÁRIO BRASILEIRO NÃO É DE 2ª CLASSE

Ao invés de reconhecer o esforço dos seus trabalhadores brasileiros por meio de aumentos salariais, expansão dos postos de trabalho, promoções, melhor PLR, PPRS e bônus, o Santander vem promovendo uma política desvalorização por meio de demissões e rebaixamento de notas.

Além de metas abusivas, o programa do Santander de aplicação de notas, pelo trabalho desempenhado, só tem prejudicado os trabalhadores responsáveis pelo lucro nota 10 do banco em todo o mundo.

As notas com decimais acima de 0,76 deveriam ter arredondamento para cima, mas o que vem ocorrendo é a redução para baixo. Por exemplo, até quem tirou 2,95 teve a nota rebaixada para 2, e quem deveria tirar 5 ficou com 4, recebendo como resposta

dos gestores que essa é uma regra geral, e que a determinação é que alguém tem que ter nota 1, mesmo se este entregou 100% de sua meta.

O rebaixamento indica que nota 2 é satisfatória, mesmo essa sendo a nota para quem não entregou 100% das metas. Então, para o melhor banco para se trabalhar, não entregar as metas também é bom? Tudo isso abala psicologicamente os trabalhadores, aumentando os casos de adoecimentos no trabalho e prejudica a ascensão dentro do banco, sem perspectiva de progresso.

“Os funcionários estão cansados de serem tratados como trabalhadores de 2ª classe. Exigimos valorização e respeito”, enfatiza Maria Rosani, coordenadora da Comissão de Organização dos Empregados (COE) Santander.